

**“SOBRE NÓS, UMA ABÓBADA ESTRELADA”:
BREVES CITAÇÕES DE ASTRONOMIA NA LITERATURA***

Maria Luísa Malato Borralho

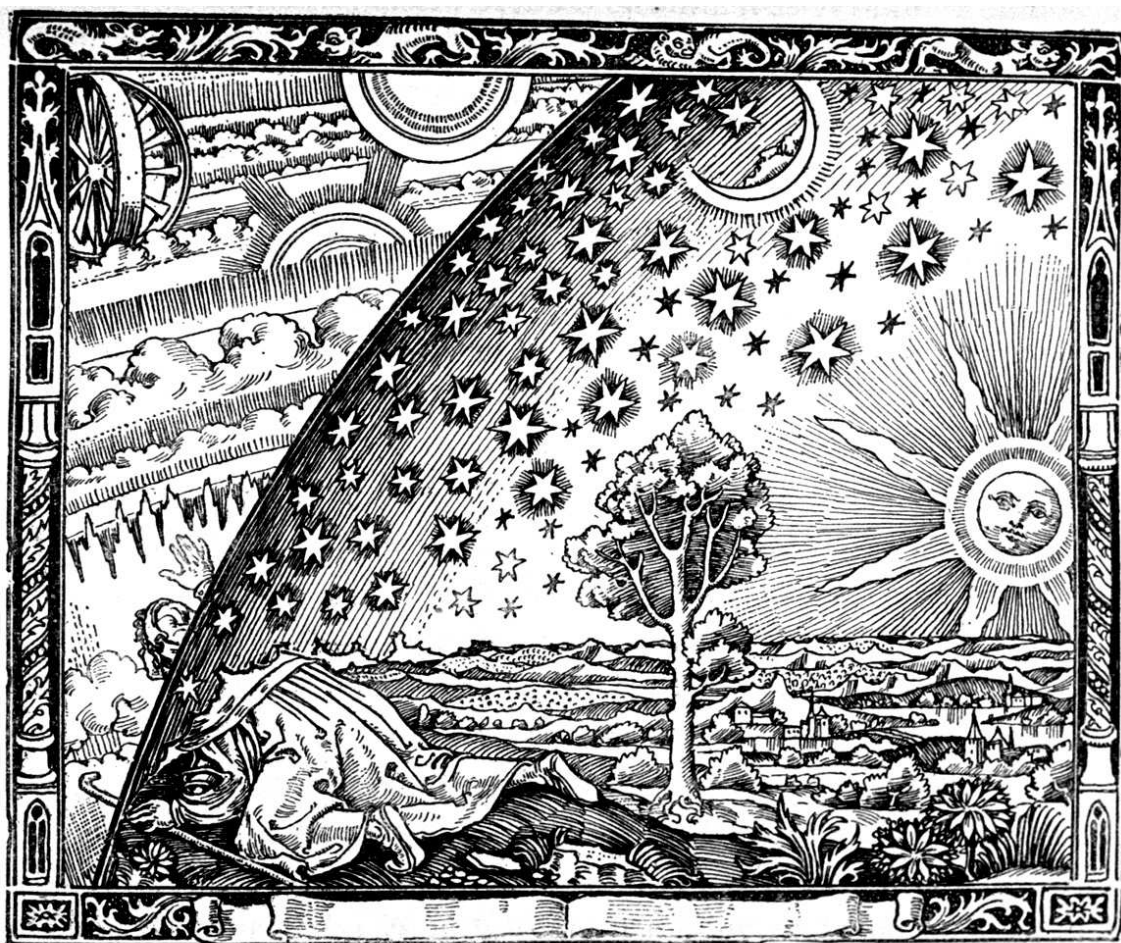
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa



Ilustração de Evelina Oliveira “Uni-versus”

*A investigação integra-se no Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico”, financiado pela FCT (POCTI/ELT/46201/2002) e sediado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Universum: um único verso. O mundo representado como sulco, direcção, caminho. O conhecimento começa linearmente, nos passos que sucessivamente damos, um atrás do outro, para além de nós. E o mistério reside naquilo que não nos parece caminho suficiente. «Un missionnaire du moyen âge raconte qu'il avait trouvé le point où le ciel et la terre se touchent... ».



Un missionnaire du moyen âge raconte qu'il avait trouvé le point où le ciel et la Terre se touchent...

A gravura em madeira é a que se encontra numa obra de Camille Flammarion, *L'atmosphère. Météorologie populaire*, de 1888: um homem imagina o ponto em que se tocam o céu e a terra, o momento em que o mecanismo do mundo lhe surge tão nítido quanto a bengala que o sustentou para ali ter chegado. E certamente o próprio Flammarion se sentiria assim bem retratado, entre a terra e o céu, a realidade e a ficção, a Astronomia e a Literatura. Sob uma abóbada estrelada, o homem sente-se

sempre pequena traça a que o mundo promete, pelo menos, a aventura e ventura de ser vasto.

Citações sobre citações. Obras que falam de outras obras. Umas a seguir às outras. Anões sobre os ombros de anões ou de gigantes. Personagens e textos que se sobrepõem, como se entre eles construíssem uma arrevesada escada de Jacob, para estudar o firmamento de mais perto e compreender a terra de mais longe.

“Il est impossible de considérer froidement cette réalité sans être frappé de l'étonnante et inexplicable illusion dans laquelle sommeille la majeure partie de l'humanité. Voilà un petit globe qui tourbillonne dans le vide infini; autour de ce globule végètent 1400 millions de mites raisonneuses, sans savoir ni d'où elles viennent ni où elles vont, chacune d'elles, d'ailleurs, ne naissant que pour mourir assez vite ; et cette pauvre humanité a résolu le problème, non de vivre heureuse dans le soleil de la nature, mais de souffrir constamment par le corps et par l'esprit. Elle ne sort pas de son ignorance native, ne s'élève pas aux jouissances intellectuelles de l'art et de la science, et se tourmente perpétuellement d'ambitions chimériques. Etrange organisation sociale!» (Flammarion, 1880 : 15).

As Utopias não andarão longe. As impossíveis como as prováveis:

« Lorsque les hommes sauront ce que c'est que la terre, et connaîtront la modeste situation de leur planète dans l'infini ; lorsqu'ils apprécieront mieux la grandeur et la beauté de la nature ; ils ne seront pas aussi fous, aussi matériels d'une part, aussi crédules d'autre part ; mais ils vivront en paix, dans l'étude féconde du Vrai, dans la contemplation du Beau, dans la pratique du Bien, dans le développement progressif de la raison, dans le noble exercice des facultés supérieures de l'intelligence» (Flammarion, 1880 : 15).

1.“Ócio e Negócio”. O fenício Tales de Mileto, talvez o primeiro homem a merecer-nos o nome de filósofo, buscou sistematicamente uma legibilidade para a diversidade do universo. Foi também o primeiro a explicar o eclipse do Sol, observando a Lua. E assim teria previsto o momento em que o Sol de novo desapareceria, em 585 a.C., tornando injustificáveis os terrores de quem se sente imerso nas trevas. Não chegaram até nós textos seus, mas muitos escreveram sobre eles. Contam que, um dia, quando caminhava olhando o céu, caiu desamparado. E por isso foi considerado “lunático”. Coisas de quem não sabia que o mundo é mais do que o sítio em que colocamos os pés e vai, pelo menos, até onde chegam os olhos.

Como separar a utilidade da especulação? Parece que Tales ganhava a vida com os seus conhecimentos meteorológicos. Era capaz de prever os períodos de chuva e de seca. Tendo calculado, com um ano de antecedência, uma extraordinária produção de azeitonas, adquiriu grande parte das prensas de azeite, que alugou por bom preço na altura das colheitas, fazendo então parte da sua fortuna. O que não quer dizer grande coisa, a não ser que o que ignoramos nos torna facilmente vítimas e o conhecimento, ainda que não leve sempre à fortuna, nos dá sempre uma forma de domínio sobre a causa das coisas e o seu efeito. Plutarco conclui que Tales, como Sólon, Protus, Hipócrates e Platão, com sabedoria puseram a fortuna ao serviço da ciência, pois da mesma forma que o bom cidadão não se entrega à superficialidade, se deve aproveitar do que é conveniente para a ela poder fugir (Plutarch, 1831: 59).

2. “Tal como os atletas necessitam de repouso e não só de exercício, também aqueles que se entregam ao trabalho do espírito se devem entregar à relaxação para voltarem com mais vitalidade ao estudo”. Assim começa a *História Verdadeira* de Luciano de Samosata, escrita cerca de 200 d. C., talvez a primeira obra de Literatura que retrata o espaço das estrelas como espaço social e intelectual. De estrela em estrela navegamos, como de ilha em ilha. Movemo-nos entre micro-comunidades, entre perspectivas. Sempre limitados e empurrados por ventos e marés que tentamos controlar. Na *História Verdadeira*, as estrelas são ilhas flutuantes e brilhantes, sendo uma delas a Lua, “uma Ilha redonda e brilhante, suspensa no ar”, e outra o Sol, vivendo até então os habitantes dos dois astros em histórico conflito. Um estado volátil é o mais próprio para classificar a existência lunar: os seres nascem como cachos, e como plantas respiram. As crianças nascem mortas e começam a viver quando são dadas à luz. A alimentação consiste na aspiração do fumo de rãs assadas sob carvão, não originando por isso fezes. Os velhos não morrem, esfumam-se por fim. Uma sublimação adocicada da morte liberta-os da dor e do sofrimento intelectual, ainda que não na diferença entre ricos e pobres. Na Lua havia um poço que, não sendo muito fundo, permitia a quem o descesse ouvir todas as conversas do mundo. E por cima dele um espelho onde, para quem elevasse os olhos, se abriam todas os factos momentâneos. O que a Lua afinal pode ensinar é uma pluralidade de perspectivas de que é feita a totalidade do mundo:

“Temo que não me creiam se vos falar de como são os seus olhos, porque tal facto ultrapassa toda a vossa crença. Podem tirar-se os olhos, tal como se fossem

óculos e vários conheci que, tendo perdido os próprios, usavam de empréstimo os olhos dos vizinhos; pois há quem deles faça um tesouro, já que é tido como mais rico aquele que mais olhos possui” (Samosate, 1990: 14-15).

3. “De como saber é ignorar”. Este é o título do Livro I, Capítulo primeiro, do muito sábio livro sobre *A Doutra Ignorância*, de Nicolau de Cusa, que muito amiúde refere a imagem dos astros e a perspectiva limitada que deles temos.

“Afirmam os filósofos da natureza que uma certa sensação desagradável precede, à boca do estômago, o apetite, de tal maneira que a natureza, que se esforça por se conservar sã em si própria, assim se refaça, uma vez estimulada. Do mesmo modo julgo, com razão, que o admirar-se, causa do filosofar, precede o desejo de saber, para que o intelecto, cujo ser é entender, se realize no estudo da verdade. Com efeito, as coisas raras, ainda que monstruosas, costumam mover-nos” (Cusa, 2003: 1-2).

Aceitemos por isso o espanto e o seu incómodo. Aquela sensação de desconforto e tédio que nos faz procurar alimentos mais substanciais e até, desprezar o que é dado e é fácil. Não se ensina o espírito crítico, que nasce somente da necessidade de ponderar e hierarquizar factos e interpretações de factos. Da mesma forma que não se conhece e reconhece a liberdade que sem esforço nos vem parar às mãos. Perante a imensidão do universo e a imaginação da infinitude matemática, perante a possibilidade Daquele uno absoluto a que chamamos Deus, o ser “que habita sozinho a luz inacessível” (*Ibidem*: 5-6), tanto devemos considerar que a pluralidade é a única garantia da unidade como devemos aceitar que a verdade precisa é incompreensível: “medida e medido, por mais iguais que sejam, permanecem sempre diferentes”, podendo haver sempre domínios que ultrapassam o contido. “E quanto mais profundamente doutos formos nesta ignorância, tanto mais nos aproximaremos da própria verdade”. Até porque tudo permanentemente se move, conjunto infinito de pontos em expansão.

“Ainda que estas coisas te sirvam para uma infinidade de casos, no entanto, se te transferes para a astronomia, apercebes-te de que a arte de calcular carece de precisão [...]. E como não há dois lugares que concordem com precisão no tempo e no espaço, é evidente que os juízos acerca dos astros estão longe de ser precisos na sua especificidade” (*Ibidem*: 8 e 66).

4. “Antevi um lugar, onde eu poderia ter adormecido e sonhado...”, escreveu Kepler nas Notas a *Somnium* (Kepler, 2003: 30). A estranheza é sempre um ponto de partida que se pode apresentar como espaço de partida. Em 1593, Kepler respondera a um exercício escolar proposto aos alunos da Universidade de Tübingen: “Como poderiam ser descritos os fenómenos celestes a partir da perspectiva de um observador situado na superfície lunar?”. *Somnium*, é uma sobreposição de visões “ingénuas”, ou “irónicas”, já que a sua argumentação não se constrói a partir da afirmação explícita, mas antes através de uma retórica “socrática”, baseada na suposição da explicação dos factos científicos e tendo como ponto de partida a ignorância do investigador. O autor apresenta a visão da Lua como o sonho de um discípulo de Tycho Brahe, mas estudante ainda. Kepler juntou-lhe depois uma segunda ingenuidade: um argumento especular, indirecto. Se para um observador que se situasse na Lua era compreensível mas errónea a ausência de percepção do movimento lunar, seria igualmente natural e errónea a não percepção do movimento da Terra para um observador que se situasse na Terra. Com efeito, o observador da Lua, *in praesentia*, negando o evidente movimento da Lua, mostrava-se tão ignorante quanto o observador na Terra, *in absentia*. A tese era cientificamente ousada e teologicamente provocadora. Veit Müller, professor encarregado em Tübingen de coordenar os trabalhos apresentados, era um acérrimo crítico do sistema copérnico e nunca parece ter permitido a sua apresentação. Edward Rosen realçará o facto de só ter sido editada em 1634, depois da morte de Kepler (em 1630), e ainda a circunstância de muito raramente ter sido reeditada. A 31 de Dezembro de 1631, Giovanni Pieroni escreveria a Galileu sobre a eminente edição do manuscrito de Kepler, obra que a todos os títulos lhe parecia (ainda a ele, que conhecia o autor) “estranha e bizarra” (*Ibidem*: xiii). E, no entanto, quanto mais Kepler ia sistematizando as suas investigações mais espantosas lhe pareciam as semelhanças do seu livro com as estratégias literárias. A Literatura é uma terceira camada “inocente”. O estatuto literário permitia a ambiguidade entre a realidade e a fantasia. Nas notas que 20 anos depois vai escrevendo para acompanhar o texto de juventude, Kepler aproxima-o dos géneros do “Sonho” e da “Ficção da Verdade”, referindo a influência do “Sonho de Cipião”, de Cícero, da *História Verdadeira*, de Luciano de Samosata, ou “A Face da Lua” (integrada nas *Obras Morais* de Plutarco, cuja tradução acompanharia a edição de *Somnium*). Johann Von Breitschwert, em 1831, classificará *Somnium* como uma Sátira (cf. nota 56, de Kepler, *apud* Rosen, in *Ibidem*: xxiii). O cientista aproxima-se do literato e imita através dele a “irresponsabilidade” e “verdade” da criança, do sonhador e do filósofo que aprecia o silêncio dos seus demónios: o Rei vai Nu.

5. “Enfin, ajouta-t-il, le peuple de votre Terre devint si stupide et si grossier, que nos compagnons et moi perdîmes tout le plaisir que nous avons autrefois appris à instruire ». Assim falava a Cyrano o Demônio de Sócrates, agora refugiado na Lua (Bergerac, 1990: 294). Um sentimento de exílio depressa se instala quando um homem se faz pássaro ou quando se perde no firmamento. O ar não é o seu mundo, mas a terra tornou-se um espaço impossível, doentio. O protagonista da *História Cômica dos Estados e Impérios* (1657), de Cyrano de Bergerac, pese embora o fervor científico, confunde o entusiasmo da viagem com uma febre alta. Os terrestres o crêem embriagado. No seu regresso, a mesma personagem afirma ter de ficar várias horas ao Sol para perder o cheiro persistente a Lua, que tornava ainda mais desconfiados os seus conterrâneos e levava os cães a uivar-lhe (*Ibidem*: 359). Na Lua se encontra, não só o Demônio de Sócrates, mas também um espanhol, Domingo Gonzalez, personagem de um livro publicado em 1638, em Inglaterra, por Francis Godwin, ainda que Godwin o tenha atribuído afinal à sua personagem: *The Man in the Moone; or, A Discourse of a Voyage Thither, by Domingo Gonsales*. Na Lua, Bergerac, autor-personagem, conversa com Gonsales, personagem-autor, sobre as provas científicas do vácuo: e a Literatura legitima a ousadia científica da Astronomia. Esse exílio, essa febre do êxtase, esse espaço imaginário, são a única forma de perder o centro comum, comunitário, e ortodoxo. Para que um outro centro, o heterodoxo, se imponha.

“Et de même que l'oignon conserve à l'abri de cent écorces qui l'environnent le précieux germe où dix millions d'autres ont à puiser leur essence [...] dont le pépin plus chaud que les autres est le soleil” (*Ibidem* : 291).

Todo o sistema planetário gira à volta do astro mais quente e maior, dele se aproximando como camadas envolventes de uma gigantesca cebola. O sistema copérnico, as explicações de Gassendi, tornam-se aqui catacreses, associações denotativas e referenciais. Mas também metáforas, leituras conotativas da necessária humildade dos homens ou crítica ao seu ridículo orgulho. Os habitantes da Lua, tal como são descritos por Bergerac, alimentam-se de fumo, como os que descreve Luciano de Samosata. Não comem carne, porque para tal teriam de matar animais seus semelhantes. Os próprios legumes devem morrer primeiro de morte natural. Bergerac (o nome do autor é o nome da personagem) é exposto como um pássaro, ou

tratado como um macaco, da mesma forma que, na Terra, exibimos bichos domésticos ou exóticos. A narrativa torna-se um conto filosófico quando pela intriga se demonstra a relatividade de todas as proporções e distâncias. E o homem se torna uma entre muitas outras criaturas, perdendo a sua soberania quando a Terra perde o centro do Firmamento:

“Quoi! Parce que le soleil compasse nos jours et nos années, est-ce à dire pour cela qu’il n’ait été construit qu’afin que nous ne frappions pas de la tête contre les murs ? Non, non, si ce Dieu visible éclaire l’homme, c’est par accident, comme le flambeau du roi éclaire par accident au crocheteur qui passe par la rue » (*Ibidem* : 292).

6. « La Lune était levée, il y avait peut-être une heure, et ses rayons qui ne venaient à nous qu’entre les branches et les arbres, faisaient un agréable mélange d’un blanc fort vif, avec tout ce vert qui paraissait noir.[...] – Ne trouvez-vous pas, lui dis-je, que le jour même n’est pas si beau qu’une belle nuit ? – Oui, me répondit-elle, la beauté du jour est comme une beauté blonde qui a plus de brillant ; mais la beauté de la nuit est une beauté brune qui est plus touchante. – Vous êtes bien généreuse, repris-je, de donner cet avantage aux brunes, vous qui ne l’êtes pas. – [...] Ce n’est rien que la beauté, répliqua-t-elle, si elle ne touche. Avouez que le jour ne vous eût jamais jeté dans une rêverie aussi douce que celle où je vous ai vu près de tomber toute à l’heure, à la vue de cette nuit. [...] Le jour ne s’attire point leurs confidences ; d’où cela vient-il ? – C’est apparemment, répondis-je, qu’il n’inspire point je ne sais quoi de triste et de passionné. [...] Peut-être aussi que le spectacle du jour est trop uniforme, ce n’est qu’un Soleil, et une voûte bleue, mais il se peut que la vue de toutes ces étoiles semées confusément, et disposées au hasard en mille figures différentes, favorise la rêverie, et un certain désordre de pensées où on ne tombe bien sans plaisir. – J’ai toujours senti ce que vous me dites, reprit-elle, j’aime les étoiles et je me plaindrais volontiers du Soleil qui nous les efface. – Ah, m’écriai-je, je ne puis lui pardonner de me faire perdre de vue tous ces mondes. – Qu’appellez-vous *tous ces mondes*, me dit-elle en me regardant et en se tournant vers moi. – Je vous demande pardon, répondis-je. Vous m’avez mis sur ma folie, et aussitôt mon imagination s’est échappée. – Quelle est donc cette folie ?, reprit-elle. – Hélas !, répliquai-je, je suis bien fâché qu’il faille vous l’avouer, je me suis mis dans la tête que chaque étoile pourrait bien être un monde» (Fontenelle, 1901: 19-22).

Que nos seja perdoada toda a citação longa que se justifica com a eficácia da imagem. Aquelas conversas solitárias sobre Copérnico, Plutarco, o sistema heliocêntrico e os muitos mundos habitáveis nas estrelas, têm a ambiguidade da luz que os envolve, entre a do Sol que desaparece e a da Lua que se torna visível. Ao cair da tarde, as deambulações fechadas nos jardins do solar vão aproximando, não só o narrador e a marquesa de G***, mas o decoro do dia da transgressão da noite; o diálogo acadêmico do ritual sexual; entre a falsidade uniforme e a veracidade desregrada. Os *Entretiens sur la pluralité des mondes*, de Fontenelle, foram publicados em 1686, mas antecipariam o gosto generalizado do século XVIII pelas viagens no Firmamento. Todas estas questões sobre a Astronomia ganham um novo e vasto público, o feminino. Preparam, em certa medida, uma Astronomia ao gosto popular, de finais do século XIX (os livros de François Arago, de Camille Flammarion, ou até os romances didáticos de Júlio Verne). Desenvolvem então uma Retórica da Sedução, que pressupõe uma certa impaciência intelectual, uma apetência filosófica emotiva e já não só racional, algumas fragilidades de erudição também. A mulher é, para estes autores, um bom selvagem, ou uma criança que importa cativar. Os *Entretiens* são sucessivos diálogos, formas dramáticas em que alterna um homem solícito e uma mulher curiosa:

« J'ai mis dans ces entretiens une femme que l'on instruit, et qui n'a jamais oui parler de ces choses-là. J'ai cru que cette fiction me servirait, et à rendre l'ouvrage plus susceptible d'agrément, et à encourager les dames par l'exemple d'une femme, qui, ne sortant jamais des bornes d'une personne qui n'a nulle teinture des sciences, ne laisse pas d'entendre ce qu'on lui dit, et de ranger dans sa tête, sans confusion, les tourbillons et les mondes» (*Ibidem* : xi-xii).

7. Uma academia fantástica reúne « traças filosóficas » (Voltaire, 1980: VII, 123), oriundas da terra, e sábios do universo, viajantes. Micromégas, vindo de Sirius, pede a um acadêmico de Saturno, recentemente chegado :

« – [...] commencez d'abord par me dire combien les hommes de votre globe ont de sens. – Nous en avons soixante et douze, dit l'académicien; et nous nous plaignons tous les jours du peu. Notre imagination va au-delà de nos besoins ; nous trouvons qu'avec nos soixante et douze sens, notre anneau, nos cinq lunes, nous sommes trop bornés [...]. – Je le crois bien, dit Micromégas ; car dans notre globe nous avons près de mille sens, et il nous reste encore je ne sais quel plaisir vague, je ne sais quelle

inquiétude, qui nous avertit sans cesse que nous sommes peu de chose, et qu'il y a des êtres beaucoup plus parfaits» (*Ibidem* : II, 107).

Voltaire, em *Micromégas*, de 1752, reproduz, entre extraterrestres, algumas das desproporções experimentadas por Gulliver, nas suas viagens, descritas por Swift (1726). Imaginar o firmamento habitado pondera, pela primeira vez, de uma forma sistemática, a influência que os sentidos têm na nossa forma de entender o mundo (valorizada pela filosofia empirista) e a sua necessária subordinação a uma razão lógica que tendencialmente as universaliza e uniformiza (perspectiva valorizada pela filosofia racionalista). A Astronomia é uma ciência que força essa ponderação, porque dependente da observação do movimento dos astros (a olho nu ou através de cada vez mais potentes telescópios que aproximam os nossos olhos do objecto), e porque cedo aprendeu a desconfiar dessa dependência, fiando-se nos cálculos matemáticos mais do que na percepção do simultâneo movimento do objecto e do sujeito: o habitante da Lua não sente a Lua mover-se, não se sente a cair do espaço e com a mesma evidência riposta o terrestre que todos os dias vê o Sol aparecer a Oriente e desaparecer a Ocidente, as estrelas da abóbada celeste traçarem as órbitas em redor do ponto em que ele, observador atento, se encontra, certo de que a Terra é plana e se mantém imóvel. Nada impedira Virgílio, não sendo autoridade científica, de dissertar sobre as abelhas, ainda que com menos rigor que M. de Réaumur, que as dissecara (Voltaire, 1980: VI, 120). E tal como a Astronomia é uma ciência que força a ponderação das ilusões do real, também a Literatura é uma arte que brinca com os sentidos e a razão, antecipando com a Reificação, a Personificação e a Fábula aquilo que a Ciência vê inviabilizada com a “realidade” taxionómica e observável, podendo ela dizer sobre a evolução das espécies o que Darwin ousará penosamente afirmar:

“il y a partout des gens de bon sens qui savent prendre leur parti et remercier l'Auteur de la nature. Il a répandu sur cet univers une profusion de variétés, avec une espèce d'uniformité admirable » (*Ibidem*: II, 108-9).

8. Sob uma abóbada estrelada, se instala a diversidade. Com a referência a “Une voûte étoilée” se acaba o conto de Diderot, “Ceci n'est pas un Conte”. Com a mesma abóbada se inicia “Madame de la Carlière”. O Sol levanta-se e só vemos o Sol. A noite cai e só então vemos a imensidade das estrelas. A visão domina-nos, cala até os restantes sentidos aristotélicos: a audição, o paladar, o tacto, o olfacto, Imaginai

pois agora, como será sentir sem a possibilidade de ver. O desafio tinha sido lançado a Locke por Molyneux, especialista em Óptica: “Imaginal um cego de nascença, a quem tivesse sido ensinado a distinguir pelo tacto um cubo e um globo. Seria ele capaz de os distinguir sem lhes tocar, se, por efeito de uma operação aos olhos, tivesse oportunidade de os ver?” (cf. Locke, *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, 1690, II, IX, §8). M. de Réaumur, o mesmo que dissecara as abelhas, estaria presente numa operação em França, para testar as várias respostas avançadas. Não tendo sido convidado, o narrador da *Lettre sur les aveugles à l’usage de ceux qui voient* (publicado por Diderot, em 1749) iria com os amigos falar com um cego de Puiseaux. Esperavam encontrar um ser humilde, ignorante e dependente. Encontraram um ser orgulhoso (a quem os sinais exteriores de poder e riqueza não podiam impressionar); um homem curioso (anormalmente atento aos pormenores do som, do tacto, dos perfumes); um homem autónomo (confiante na ordem dos objectos e na boa vontade dos que lhe eram próximos). Lamentam que não consigam definir a beleza, mas surpreendem-se por nela e noção de Beleza se encontrar sempre associada à Utilidade e à Amabilidade e lamentam afinal que a eficácia do Belo seja um conceito tão esquecido pelos que a ela somente se devotam. Perguntaram-lhe se desejava um dia ter o dom de ver e dele saiu esta resposta fascinante, talvez porque intimamente lhe custasse não saber o que era o Firmamento e confiasse no mais objectivo dos sentidos, o tacto, o único sentido do sujeito que entra em contacto com o objecto:

“Si la curiosité ne me dominait pas,,, j’aimerais bien autant avoir de longs bras: il me semble que mes mains m’instruiraient mieux de ce qui se passe dans la Lune que vos yeux ou vos télescopes” (Diderot, 1980: 89).

A *Carta sobre os cegos* levaria Diderot à prisão de Vincennes: o texto tinha indeléveis alusões ao ateísmo do cego de Puiseaux, que, não vendo o Firmamento, não imaginava com nitidez o rosto de Deus. Diderot, privado de liberdade, prometeria aos que o prenderam entregar os papéis, os livreiros, e emendar caminho. E foi sobre a ordem do discurso que escreveu depois a *Carta sobre os surdos e os mudos para uso daqueles que ouvem e falam* (1751).

9. *Da Terra à Lua: Trajecto Directo em 97 horas e 20 minutos* (escrito por Júlio Verne em 1865, somente dois anos depois da sua estreia como novelista) não deve ser lido isoladamente: é o primeiro romance de uma trilogia que se iria concluir vinte e quatro anos depois, com *À Roda da Lua* (1869) e *Sans Dessus Dessous* (de 1889). Em *De la Terre à la Lune* (cap. XIX), será anunciada a “correção” do eixo da Terra para uniformização climática do planeta será enunciada. A empresa será depois

projectada no último capítulo de *Autour de la Lune*. Em *Sans Dessus Dessous*, o consequente aquecimento global, destruirá não somente os gelos, que impediam a exploração económica dos pólos, mas também países e culturas. Como as histórias das personagens da “Comédie Humaine”, as narrativas de ficção científica de Verne permitem ler uma personagem sob formas mais desenvolvidas ou sob diferentes perspectivas. Essa unidade das “Voyages Extraordinaires” torna ainda mais crível o projecto de um renovado Génesis. Simbolicamente, o último livro de Verne (segundo alguns, escrito em parceria com seu filho e por este editado postumamente, em 1910) chamar-se-á *O Eterno Adão/ L’Eternel Adam*. Mas Verne, como Milton, parece não ter saudades do Paraíso Perdido. Não acredita em pastores arcádicos, olhando os astros e os carneiros:

“Lorsqu’on prend un berger par son côté idéal, l’imaginaire le fait volontiers un être rêveur et contemplatif: il s’entretient avec les planètes, il confère avec les étoiles, il lit dans le ciel. Au vrai, c’est généralement une brute ignorante et bouchée” (Verne *apud* Dekiss, 2005: 68).

Mas o conhecimento científico não basta. Os argumentos *ad hominem* ou *ad misericordiam*, que caracterizam Michel Ardan, tidos, em geral, como defeitos retóricos, são, à letra, argumentos de humanidade que levam a ouvir os mais velhos (os empecilhos físicos), ou os artistas (os empecilhos intelectuais), ou os estrangeiros (os empecilhos sociais). A figura do Cientista Louco tem, em Verne como noutros, o discurso da razão pura, da lógica bruta, colocadas ao serviço da eugenia, do genocídio:

“– Meu Caro, há no seu cérebro bem organizado sob outros aspectos, um fundo de ideias célticas que o prejudicam bastante se devesse viver muito tempo. O direito, o bem, o mal, são coisas puramente relativas e convencionais. Nada há de absoluto senão as leis naturais. A lei da concorrência vital é uma delas, como a lei da gravitação. Querer subtrair-se à sua acção é coisa insensata; obedecer-lhe e agir no sentido que ela nos indica é coisa razoável e ajuizada” (Jacobson, Antoni, 1938: 183).

10. “Il est douteux que Wilde ait jamais pensé, avant sa condamnation, qu’il existât des prisons. S’il y a pensé, c’est avec la conviction tacite qu’elles n’étaient pas faites pour les hommes de sa qualité. [...] Mais l’homme n’est pas fait pour mourir et c’est pourquoi il est plus grand que la nuit” (Camus, 1981 : 1124).

Ser maior do que a noite, porém, implica sempre olhá-la de frente, ainda que pela visão concentrada de uma fresta na prisão. Óscar Wilde, encarcerado, deixará de criar despreocupadamente, como se a beleza fosse uma coisa inútil: escreverá *De Profundis*. O que Óscar Wilde teria descoberto na prisão é o mesmo que sabia o cego de Puiseaux: que a beleza é uma espécie de eficácia e que a sua utilidade se demonstra pela experiência da privação. A visão do firmamento entra pela cela dentro, invadindo um espaço vigiado, ainda que seja sob a forma dos olhos de um guarda que dia e noite fixa os olhos na lucarna para vigiar o prisioneiro, acabando ambos presos por esse olhar estrelado (cf. Hugo, 1972: X: 29). E é esse mesmo instante de dor que nos pode trazer uma fugaz ideia de eternidade, a mesma ideia a que poderíamos todavia chegar através da felicidade, “quand le coeur en est digne” (Camus, 1981: 1128). O instante em que percebemos a órbita do que nos rodeia, a sua pontual imprevisibilidade e o espírito livre com que a integramos. Encontramo-lo em Meursault, personagem de Camus, quando vê confirmada a sua condenação à morte:

“On m’a changé de cellule. De celle-ci, lorsque je suis allongé, je vois le ciel et je ne vois que lui. Toutes mes journées se passent à regarder sur son visage le déclin des couleurs qui conduit le jour à la nuit. Couché, je passe les mains sous ma tête et j’attends. Je ne sais combien de fois je me suis demandé s’il y avait des exemples de condamnés à mort qui eussent échappé au mécanisme implacable, disparu avant l’exécution, rompu les cordons d’agents. Je me reprochais alors de n’avoir pas prêté assez d’attention aux récits d’exécution. On devrait toujours s’intéresser à ces questions. On ne sait jamais ce qui peut arriver» (Camus, 1981b : 1202).

Plutarco, Luciano, Cusa, Kepler, Bergerac, Fontenelle, Voltaire, Diderot, Verne, Camus. Citações sobre citações. Obras sobre Obras, estas como muitas outras. Mas procurámos traçar, para sublinhar a importância da Astronomia na Literatura, alguns breves paradigmas, alguns pontos de uma linearidade que se volveria circular. A unidade do espírito prático e do espírito contemplativo, a sublimação da dor e da morte, a pluralidade da unidade, a humildade exigida pelo saber, o sentimento de exílio que nos toma a nós, seres que não queremos sobreviver sozinhos, a relatividade do tempo, do espaço e das acções que neles inscrevemos, a ilusão dos sentidos e a ficção da realidade, a utilidade do que é belo e a beleza do que é útil, a bondade expectável do conhecimento, nada excluir, nada recusar... Talvez seja uma vez mais necessário, depois de ler, fechar os livros. E olhar o firmamento. Nunca se sabe o que pode acontecer.

BIBLIOGRAFIA

BERGERAC, Savinien Cyrano de (1990). *L'autre Monde. Les Etats et Empires de la Lune et du Soleil*, in *Voyages au pays de nulle part*, Paris, Robert Laffont.

CAMUS, Albert (1981). *Essais*, Paris, Gallimard.

CAMUS, Albert (1981b). *Théâtre, Récits, Nouvelles*, Paris, Gallimard.

CUSA, Nicolau de (2003). *A Doua Ignorância*, trad. João Maria André, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

DEKISS, Jean-Paul (2005). *Jules Verne*, Paris, ADFP.

FLAMMARION, Camille (1880). *Astronomie Populaire. Description Générale du Ciel*, Paris, C. Marpon et E. Flammarion.

FONTENELLE (1901). *Entretiens sur la Pluralité des Mondes*, Paris, BNP.

JACOBSON, A.; ANTONI, A. (1938). *Das Antecipações de Júlio Verne às Realizações de Hoje*, trad. Eng.º Vasco Tabora Ferreira, Lisboa, Sá da Costa.

KEPLER (2003). *Somnium: the dream or posthumous work on lunar astronomy*, introduction and transl. Edward Rosen's, Nova York, Dover Publ.

PLUTARCH (1831). *Lives*, ed. J. and W. Langhorn, Baltimore, W. and J. Neal.

SAMOSATE, Lucien (1990). *Histoire Véritable*, in « *Voyages aux Pays de Nulle Part* », Paris, Robert Laffont.

VOLTAIRE (1980). *L'Ingénu – Micromégas*, éd. Jacques Spica, Paris, Bordas.